



# XIX COLÓQUIO

## DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

PPGAC - UNIRIO

LICONTI, Juliana. **PERFOGRAFIA: A PRÁTICA DA PESQUISADORA-PERFORMER.** PPGAC UNIRIO; PCI; Doutorado Acadêmico; Tania Alice Feix; [juliana.lima.liconti@gmail.com](mailto:juliana.lima.liconti@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-6997-9064>

**RESUMO:** Este texto apresenta uma pesquisa em andamento intitulada *Pedagogias performativas: uma cartografia* e discute duas das noções em que ela se baseia: cartografia e perfografia. A cartografia aqui é entendida como ética: diante de um acontecimento suspender os pré-conceitos para reparar na sua especificidade, em seus movimentos. A perfografia, nomenclatura híbrida proposta pelo coletivo Parabelo, é a junção da cartografia com a prática da performance. Argumenta-se que operar perfograficamente é um caminho possível de indissolubilidade entre o pesquisar e o performar, para construir uma abordagem científico-artística do ensino da arte da performance.

**Palavras-chave:** Pedagogia da Performance; Cartografia; Perfografia.

**ABSTRACT:** This text presents the research *Performative Pedagogies: a cartography* and discusses two of its fundamental concepts: cartography and perfography. The cartography is understood as an ethics: suspending preconceptions to notice what is particularly in a specific event, following its movements. "Perfography", a hybrid nomenclature proposed by the Parabelo collective, is the combination of cartography and performance art. I argue that operating "perfo-graphically" is a possible way to unite research and performance art in order to construct a scientific-artistic approach to the pedagogy of performance art.

**Keywords:** Performance Art Pedagogy; Cartography; Perfography.



# XIX COLÓQUIO

## DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

PPGAC - UNIRIO

### **PERFOGRAFIA: A PRÁTICA DA PESQUISADORA-PERFORMER**

Juliana Liconti

A pesquisa de doutoramento *Pedagogias performativas: uma cartografia* pretende inventariar práticas pedagógicas no ensino da arte da performance e cartografar as relações que se estabelecem entre professoras-performers<sup>1</sup> (CIOTTI, 2014) e discentes por meio dessas práticas. Tenho nomeado de pedagogias performativas práticas que, em vez de tomar a arte da performance como conteúdo – uma aula *sobre* performance –, não dissociam forma e conteúdo, são aulas *em* performance ou aulas-performance.

Em minha experiência enquanto professora-performer, tenho adotado como estratégia criar ou selecionar práticas que realizam operações comuns à arte da performance, como, por exemplo, tensionar arte/vida e arte/não-arte; deslocar signos de seus ambientes convencionais; modular o tempo (ralentar ou acelerar a duração dos acontecimentos) etc. Essas operações recorrentes na performance foram mapeadas e nomeadas por Eleonora Fabião (2008) como tendências dramatúrgicas. A minha tática, portanto, tem sido propor vivências em sala de aula que realizam essas tendências dramatúrgicas. Todavia, meu interesse no doutorado é operar por rede: abordar o meu trabalho e de outras professoras-performers. Inventariar e aproximar diferentes modos de propor experiências de aprendizagem da arte da performance no ensino superior, no contexto de formação profissional de atrizes e/ou professoras. Não a fim de formular protocolos ou estabelecer hierarquias de valor acerca do ensino da arte da performance, mas com o intuito de que esta pesquisa, por reunir diferentes modos de fazer, possa servir como ignição para a invenção de outros procedimentos performativo-pedagógicos, como um meio de multiplicação.

Para tal empreitada intento fazer cinco acompanhamentos performativo-cartográficos ou perfográficos (MARQUES; RACHEL, 2013) de professoras-performers atuantes em cursos de artes cênicas de universidades brasileiras. O conceito híbrido de perfografia é uma junção de duas práticas: a performance e a cartografia. Foi assim nomeada pelo coletivo paulistano de performance urbana Parabelo. Esta união confluiu para as questões estéticas do grupo:

---

1 Opto pela flexão no feminino ainda que me refira a grupos compostos por mulheres e homens. A noção de professora-performer foi desenvolvida pela pesquisadora Naira Ciotti (2014) e se refere a um modo de encarar a aprendizagem em sua condição criadora. Professora-performer é, para a autora, a pessoa que facilita, que instiga às alunas a serem produtoras de arte.



# XIX COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

PPGAC - UNIRIO

trabalhar a performance no espaço público, entendendo este como um território existencial a ser habitado erraticamente pela perfógrafa (MARQUES; RACHEL, 2013). A perfografia para o coletivo Parabelo parece estar associada à relação entre performance, corpo e cidade e caracterizar-se como um modo de agir que tateia o decorrer dos acontecimentos sem antever o que vem a seguir.

Denise Pereira Rachel e Diego Marques elaboram uma genealogia da presença da cartografia no campo da performance. Artistas como Guillermo Gómez-Peña, Yoko Ono, Francis Alys e a Internacional Situacionista são mencionados, pois possuem trajetórias que vincularam a cartografia ao trabalho artístico. A plataforma quando intervenções urbanas, da qual faço parte, também possui trabalhos na interface mapa e performance, tais como *Mapas para perder-se* e *Corpografias Curitibanas*.

O que eu me proponho quando me refiro à perfografia está mais direcionado à prática de pesquisa, enquanto o uso feito pelo coletivo Parabelo aparentemente está mais associado à criação artística. Esta diferenciação, no entanto, é muito sutil porque no modo como tenho pensado a prática perfográfica não há dissociação entre as atividades de pesquisa e criação, ainda que o foco primeiro da pesquisa não seja uma investigação estética. Busco desde o mestrado encontrar estratégias para que todas as etapas da pesquisa se concretizem como experiências estéticas.

A cartografia, por sua vez, segundo a psicanalista Suely Rolnik, “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (2007, p.23). Esta noção tradicionalmente pertencente ao campo da geografia foi apropriada pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari para abordar paisagens psicossociais. Esta transdução é muito comum no pensamento destes autores, que criam conceitos a partir de noções de outros campos como rizoma (biologia), ritornelo (música), etc. Rolnik, que é uma das importantes interlocutoras no Brasil da obra da dupla, afirma que cabe à cartógrafa “dar língua para os afetos que pedem passagem” (Ibidem, p. 23), ou seja, sendo os afetos forças invisíveis, é tarefa da cartógrafa senti-los e dar forma a eles, expressá-los no plano visível, dos territórios. A cartógrafa, então, é aquela que acompanha os movimentos, as relações entre as coisas, tudo isso a partir de uma escuta atenta de si, da outra e do entorno.

Um grupo de pesquisadoras do campo da psicologia escreveu o livro *Pistas do Método da Cartografia*, organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2014), para pensar como a cartografia pode ser um método de pesquisa considerando que as metodologias tradicionais não são suficientes para abarcar investigações eminentemente processuais. A cartografia é um procedimento de acompanhamento de processos, por isso o propósito das autoras do livro é elencar pistas convergentes com a atitude cartográfica, sem conceder a



# XIX COLÓQUIO

## DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

PPGAC - UNIRIO

elas o estatuto de regra, tendo em vista que qualquer tentativa de preestabelecer regras sobre como pesquisar cartograficamente é contrária à natureza processual da cartografia, na qual emergem critérios específicos a cada situação. A cartografia não elenca o que deve ser feito, entende que os procedimentos precisam ser situados em cada experiência, apontando a necessidade de uma atitude de abertura e acolhimento do que surge.

A cartografia é um método não-método, porque propõe uma inversão metodológica: em vez de *metá-hódos* (caminho predeterminado por metas), *hódos-méta* (caminho produz as metas). Um método que demanda a sustentação do não-saber, de manter-se acompanhando o que acontece e resistindo ao impulso de controlar e prever os acontecimentos. Para tanto é necessário o cultivo sistemático de uma atenção aberta, concentrada e desfocada, suspendendo os pressupostos e atentando para o que emerge. A qualidade de atenção cartográfica é bastante distinta das modulações da atenção mais recorrentes no cotidiano que, de acordo com Kastrup (2005), oscilam no movimento entre focalização e dispersão. Já a atenção demandada na cartografia opera por distração. Diferente da compreensão do senso comum, a distração permite que a atenção transite, mas não é sinônimo de ausência de concentração, é ao mesmo tempo concentrada e desfocada. Esta característica é interessante na pesquisa cartográfica justamente para que a pesquisadora tenha condições de acompanhar o que acontece, uma vez que operar por focalização e dispersão resultaria na comprovação daquilo que a pesquisadora já sabe sobre o tema, sem abrir espaço para o inesperado.

O cultivo persistente da atenção cartográfica é necessário tendo em vista o funcionamento atencional predominante no cotidiano das pessoas. De minha parte tenho feito este cultivo a partir da execução de diferentes procedimentos como meditação e imagem estereoscópica, mas merece destaque um em específico – o Modo Operativo AND (M.O\_AND). Procedimento transversal de experimentação de políticas de convivência, desenvolvido pela antropóloga Fernanda Eugenio, o M.O\_AND engaja um modo de operação que a meu ver é cartográfico. A grande questão do M.O\_AND é acompanhar um acontecimento prestando-lhe assistência se e quando necessário. Dentre os conceitos-ferramenta desta prática, o reparar (em suas três modulações – paragem, observação e conserto) auxilia-me sobremaneira no processo de cultivo de outras modulações atencionais.

A atenção cartográfica será fundamental na etapa dos acompanhamentos das professoras-performers justamente para reparar no que há, no que cada relação entre professoras-performers e alunas propõe. Portanto, o meu modo de operar na pesquisa de campo será cartográfico. Pretendo descrever mais que interpretar. Ao mesmo tempo, o modo de criar vínculos com as professoras-performers e discentes será performático. Pretendo a cada situação encontrar uma maneira performática de retribuição. A performance como a linguagem que disponho para me



# XIX COLÓQUIO

## DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

PPGAC - UNIRIO

relacionar. Esta escolha está associada à minha busca por investigar meios de pesquisar a arte por meio da arte, para que não seja apenas conteúdo/tema, mas também seja forma. Se eu estou investigando a performatividade no ensino da arte da performance, como a investigação em si pode ser uma performance? Esta é uma pergunta-motor de experimentação. A partir dela posso buscar infinitas maneiras de pesquisar performando, ativando, assim, o híbrido pesquisadora-performer.

A perfografia, na concepção que aqui defendo, é um modo de pesquisa-arte, no qual o ato de pesquisar é artístico, mais especificamente performativo. Por isso a hibridização do coletivo Parabelo fez muito sentido na minha trajetória. Cartografia como performance e performance como cartografia.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIOTTI, N. **O professor-performer**. Natal: EDUFRN, 2014.

FABIÃO, E. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, São Paulo, n. 8, p. 235-246, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p235-246>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

KASTRUP, Virgínia. Políticas Cognitivas na Formação do Professor e o Problema do Devir-Mestre. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000400010>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MARQUES, D; RACHEL, D. Perfografia. **Redobra**, Salvador, n.11, p.152-161, abril. 2013. Disponível em: <[http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11\\_17.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11_17.pdf)>. Acesso em: 06 ago. 2019.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. D (Org). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.